



NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Um vizinho indesejável, a Doutrina Monroe e a química entre Lula e Trump

A conversa telefônica entre Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump, revelada pelo presidente brasileiro em Belo Horizonte, o choque de visões que hoje estrutura a crise no hemisfério. De um lado, um líder latino-americano que insiste na negociação, dissuasão diplomática e acordos multilaterais. De outro, um presidente norte-americano que ostenta poder bélico como argumento político e cuja nova Estratégia de Segurança Nacional recoloca as Américas no centro de uma doutrina de hegemonia já conhecida: a velha Monroe, agora reeditada como “Corolário Trump”.

A ironia é a “química” entre os dois: cada qual reconhece no outro uma força que precisa manejar com cautela, apesar das discordâncias estratégicas. Ao afirmar que “acredita mais no poder da palavra do que no poder da arma”, Lula sintetizou a posição histórica da diplomacia brasileira e, ao mesmo tempo, expôs a fragilidade dessa postura no ambiente atual. A Venezuela transformou-se num epicentro de instabilidade que nenhum país do continente consegue mais contornar por si só. A deterioração interna é dramática: colapso institucional, repressão sistêmica, migração de 8 milhões de pessoas e uma economia reduzida a um quarto do que já foi.

A fraude eleitoral de 2024 encerrou qualquer narrativa de legitimidade do regime de Nicolás Maduro. Mas o modo como esse impasse será resolvido tem consequências que vão muito além das fronteiras venezuelanas. Trump deixou de tratar a Venezuela como uma crise humanitária; trata-a como um objeto geoestratégico. A presença da Quarta Frota no Caribe, os mais de 20 ataques a embarcações suspeitas de narcotráfico, com episódios criminosos de execuções de sobreviventes e, sobretudo, as ameaças de enviar tropas para operações terrestres compõem um cenário de pré-intervenção, que escalou com a apreensão de um petroleiro nesta semana.

Em outra época, manobras assim seriam vistas como retóricas; hoje, fazem parte da tentativa de recuperação da preeminência norte-americana no Hemisfério Ocidental. A nova Estratégia de Segurança Nacional afirma que os EUA devem “negar a concorrentes de fora do hemisfério a capacidade de controlar ativos estratégicos”, condicionando, inclusive, assistência econômica à redução da influência chinesa.

Nesse contexto, Nicolás Maduro deixa de ser apenas um vizinho indesejável e a Venezuela se torna um laboratório geopolítico. Sua eventual queda por pressão militar serviria de aviso geral: Washington está disposto a usar força para reconfigurar sua zona de influência. O risco é que a intervenção não produza estabilidade, mas um vácuo de poder com a emergência de milícias armadas, fragmentação política e o risco de uma guerra civil prolongada. Nada indica que um país devastado por uma década de fome, repressão e colapso institucional possa se reorganizar sem longo período de turbulência.

Berlinda

É nesse tabuleiro que o Brasil foi colocado. Lula mantém a doutrina de não intervenção do Itamaraty, mas enfrenta pressão crescente dos EUA, de vizinhos e de setores internos. Para Washington, a cautela brasileira pode ser interpretada como alinhamento ao chavismo, o que não é o caso, porém essa narrativa vai ao encontro das ambições do “Corolário Trump”. Por outro lado, a China é a principal parceira comercial do Brasil, em razão da realidade das cadeias globais de comércio. O Itamaraty tenta equilibrar esses três eixos conflitantes: soberania regional, defesa da democracia e autonomia estratégica.

A reação de Trump à fala de Lula — “eu tenho mais arma, mais navio, mais bomba” — expõe uma assimetria estrutural. Os EUA, na lógica de competição global com a China, revalorizam o hemisfério como zona essencial de segurança. O Brasil opera na lógica de preservação da paz regional, estabilidade fronteiriça e desenvolvimento interno. É um diálogo entre dois paradigmas distintos. No entanto, Lula e Trump parecem se compreender mais do que sugerem suas palavras. Há um respeito pragmático: Lula sabe que não pode confrontar frontalmente os EUA; Trump sabe que nenhum projeto de hegemonia hemisférica se sustenta sem o Brasil, mesmo que o considere relutante ou ambíguo.

O fechamento do espaço aéreo venezuelano pelos EUA colocou o continente em estado de alerta. Um conflito militar reabriria feridas históricas e potencializaria redes criminosas transnacionais já presentes na Amazônia. A comparação com o Vietnã é exagerada, mas a cultura política sul-americana rejeita invasões estrangeiras. E a memória da Operação Condor e das ditaduras militares latino-americanas continua viva.

Por isso, é necessário oferecer alternativa concreta de transição democrática na Venezuela, sob pena de o Brasil se tornar um mero espectador. A “química” entre Lula e Trump pode, paradoxalmente, ser um dos poucos canais capazes de evitar o pior. Lula é, entre os líderes do continente, o único com acesso direto ao presidente dos EUA e com legitimidade internacional para propor uma saída não militar.



Toda hora, tem um monte de nomes (de pré-candidatos à Presidência). Quem inventa muito nome é porque não tem nenhum. Eles estão em dúvida, porque sabem que perderão as eleições em 2026”



Quando ele (Zema) fala que o meu governo é uma bomba-relógio, deve estar olhando para o governo dele. Porque ele pegou esse governo com uma dívida de cento e poucos bilhões e deixou com 200 e poucos bilhões. Ele passou oito anos sem pagar dívida. E quem fez um acordo para resolver o problema da dívida de Minas fomos nós”



Eu até disse para o Pacheco: ‘Cara, eu tô te pedindo para você me ajudar a ganhar as eleições para presidente da República. Ele relutou, relutou, relutou, mas ele pensa que eu desisti. Eu não desisti”

gabinetes odontológicos, andando pelo interior do país, para que a gente possa fazer tratamento de canal, obturação, prótese, se for necessário, na hora. Não é como antigamente. E o Farmácia Popular, que entrega de graça 41 tipos de remédios que as pessoas têm uso contínuo. Então, aqui em Minas Gerais, as coisas estão indo bem.

Outro compromisso do senhor em Minas é a participação na Caravana Federativa. Como é que as cidades mineiras podem ser beneficiadas por essa iniciativa?

A caravana federativa foi uma invenção que nós tivemos, e o Padilha começou a executar com ministro-chefe das Relações Institucionais. É

a aproximação dos prefeitos e dos governadores com as obras públicas e com as coisas que os ministros estão fazendo em cada cidade. Estamos agora fazendo uma exposição, tem vários ministérios, tem a Caixa Econômica, talvez tenha o Banco do Brasil, às vezes, está o BNDES, e, aí, por volta de 1.500 pessoas vão participar ou 2.000 pessoas. Tem várias prefeituras, as pessoas vêm, reclamam, às vezes, fazem um novo pedido; às vezes, um novo contrato; ou seja, é efetivamente um mutirão, um mutirão de democracia. É o governo federal se dirigindo às capitais dos estados, juntando todas as cidades e todos os entes federados que têm alguma coisa a ver com o governo, para que a gente faça uma aproximação, para que a gente se

conheça melhor, para que a gente ajuste aquilo que precisa ser ajustado, para que a gente repare coisa que tem que ser reparada. Um trabalho mais próximo e efetivo. É olho no olho.

O que ainda não conseguiu fazer ou que lhe causa frustração com relação ao Brasil?

Sonho fazer com que o Brasil se transforme num país de uma classe média de padrão, um estado de bem-estar social. Fico olhando sempre para os países nórdicos, o padrão de vida deles. Fico olhando a Europa, o padrão de vida, quero que o Brasil seja assim. Por isso é que estou investindo em universidades. Vou dizer uma coisa para você: a primeira universidade brasileira foi feita em 1920, a Universidade do Brasil, porque ela precisava dar um prêmio de Doutor Honoris Causa para o rei da Bélgica que vinha para o Brasil. Então, o que aconteceu? De lá, até chegar à Presidência, foram feitas, entre universidades novas e extensões, 136 ou 138. Em 83 anos. Eu, em 10 anos sozinho, já fiz 143. Ou seja, sozinho eu já fiz mais do que 83 anos deste país. Se juntar eu e a Dilma, fizemos quase 200. Então é o seguinte: estou apostando nisso, preciso fazer mais investimento em educação, mais escolas de tempo integral, mais institutos federais, mais universidades, mais engenheiro, ou seja, preciso formar muita gente. É por isso que nós criamos o programa Pê-de-Meia. Porque nós descobrimos que 500 mil crianças no ensino médio estavam desistindo da escola para trabalhar, para ajudar a família. É evasão. Resolvemos criar uma proposta para essas crianças. Tenho esse sonho. Tenho o sonho da casa própria, da transposição do Rio São Francisco. Tinha o sonho da Transnordestina, tudo isso está acontecendo. E lembra do meu discurso em 2003? Não fiz nenhum discurso com bravata. Falei: “Se, ao terminar o meu mandato, todo brasileiro e brasileira tiver tomando café, almoçando e jantando, já terei realizado a obra da minha vida”. E, graças a Deus, já fiz isso. E é isso que eu quero continuar fazendo. Fazer com que o povo pobre não seja tratado como invisível, que ele seja enxergado por quem governa, que o povo negro não seja tratado como invisível, que as pessoas não sejam discriminadas, que não haja preconceito, que não haja violência. O que eu quero, na verdade, é que o filho das pessoas mais pobres e mais ricas possam disputar a mesma vaga com as mesmas oportunidades. Não quero tirar nada de ninguém. Só quero dar oportunidade a todos. Condições iguais.

Que recado o senhor deixa para este fim de ano?

O Natal para mim é uma época triste. Eu nunca ganhei um presente na minha vida. O meu primeiro presente eu comprei com 17 anos, que era uma bicicleta velha, que eu passava mais tempo consertando do que andando nela. Então, eu acho Natal uma coisa melancólica, porque fico muito triste, porque tem muita gente que não pode comprar um brinquedinho. Tem muita gente que fica passeando nas lojas sem poder comprar nada. Isso me dá um certo desânimo na vida. Mas, ao mesmo tempo, a gente tem de ficar feliz com as pessoas que podem comprar alguma coisinha. Acho que é uma comemoração extraordinária, sabe, do nascimento de Jesus Cristo. É uma data muito importante. E quero que todo mundo esteja bem. Quero que todo mundo não perca a fé, que todo mundo aproveite daquilo que conquistou e que tenha esperança. Não perca a esperança. Sou filho de uma mulher que, muitas vezes, não tinha comida para colocar no fogo. Estavam oito filhos em volta da minha mãe. Ela falava assim: “Hoje, não tem, mas amanhã vai ter”. Então, é isso que eu queria dizer para o povo. Se a gente ainda não conquistou tudo que a gente quer hoje, vamos ter certeza de que a gente vai conquistar amanhã ou depois de amanhã. E tenho certeza de que vamos ter um 2026 melhor do que 2025, que foi melhor do que 2024, que foi melhor do que 2023. Vamos para frente fazendo as coisas acontecerem neste país. Esse é meu sonho, meu desejo: um feliz Natal e um feliz ano-novo.

porta do comércio, para a porta do banco, para as ruas. Nós, homens, falando que temos de nos reeducar. Não é só aumentar a pena, mudar o Código Penal, é nos reeducar. Fui criado por uma mãe analfabeta, que me ensinou que a gente não pode bater em mulher. Minha mãe falava assim: “Se você casar e brigar com a sua mulher, se separe, mas jamais levante a mão para bater na sua mulher”. É isso que nós temos que falar com os homens. É isso. Então, eu acho que as mulheres precisam entender o seguinte: nós, homens, precisamos ter coragem de assumir a responsabilidade de que somos culpados pela violência contra a mulher. Temos que parar. Nós aprendemos com a nossa mãe, aprendemos com o nosso pai e precisamos educar os nossos filhos não sendo violento, sendo delicado com a nossa parceira.

O que o governo federal pretende com a PEC da Segurança?

Essa PEC vai definir qual é o papel do governo federal na segurança pública nos estados, porque, hoje, tal como está a Constituição, o poder da segurança pública no estado é do governador, porque é ele que tem a Polícia Militar, que tem a Polícia Civil. O que nós queremos aprovar na PEC é como o Estado brasileiro, o governo federal pode entrar, qual é o papel da Polícia Federal, se a gente vai poder interferir. Porque, no Rio de Janeiro, havia cinco anos que a polícia do Rio procurava o assassino de Marielle e não encontrou. Quem encontrou foi a Polícia Federal. Então, a Polícia Federal tem expertise, tem mais inteligência, e nós queremos redefinir. Queremos redefinir o papel da guarda nacional. Se aprovada a PEC, vamos criar o Ministério da Segurança Pública neste país. Essa é uma coisa. A outra coisa, sobre a violência contra a mulher.

A visita do senhor a Minas marca o lançamento da unidade de radioterapia em Itabira com verbas do PAC. Existe a previsão de outros recursos na saúde para Minas Gerais?

Para ter noção das coisas que estão acontecendo aqui em Minas Gerais: quando eu cheguei à Presidência da República, o Mais Médicos em Minas Gerais tinha apenas 1.105 médicos. Hoje, temos 2.300 médicos — 119% de aumento na quantidade de médicos trabalhando aqui no estado. Por que isso? Porque não é possível que as pessoas morram porque não têm atendimento médico. E quando eles acabaram com o Mais Médico no governo passado, deixaram o povo das cidades menores, do interior, abandonado. Povo que, muitas vezes, tem que pegar ônibus, sem ter dinheiro, para andar 200 quilômetros para ir ao médico. Nós resolvemos colocar as coisas no lugar. As pessoas têm de ter médico.

Há mais ações planejadas?

Estamos anunciando, há um mês e meio, dois meses, que estamos trabalhando muito forte com (o programa Mais Especialistas). Ou seja, o que nós queremos é que o povo brasileiro, ao fazer a primeira consulta e detectar que tem uma doença mais grave, que ele tenha segunda consulta imediatamente, que não fique esperando 11 meses, 12 meses, 13 meses. Às vezes, morre sem ter a segunda consulta. Por exemplo: a pessoa pobre vai ao médico, o médico descobre que ela tem um problema no coração e fala assim: “Você tem que procurar um cardiologista”. Ela passou no balcão lá da UBS, da UPA e falou: “Olha, o cardiologista daqui a 11 meses”. Aí, ela vai ao cardiologista, ele pede uma ressonância magnética, e essa máquina demora mais 10 meses. Ou seja, não é possível. O povo pobre tem de ser tratado com respeito que é tratado qualquer pessoa neste país. Se o rico tem direito, o pobre tem de ter direito. Se o presidente tem direito, o pobre tem de ter direito. O que nós estamos fazendo com o Mais Especialistas... Já temos mais de 100 caminhões andando por este país para fazer mamografia, tomografia, para fazer todo e qualquer tipo de imagem que a mulher precisa que seja feito, que o homem precisa que seja feito. Da mesma forma, estamos com 800 ambulâncias formadas em